

O ACESSO À VELHICE POR MEIO DA OBRA DE PHILIP ROTH

Rafael Galeno Machado (Estudante de Pós-Graduação)

Ygor Rafael Leite Pereira (Professor)

Eixo 2: Gênero, Literatura e Filosofia

Autores:

Francisco de Oliveira Barros Júnior (Orientador)/ Universidade Federal do Piauí – UFPI

barrosjr@ufpi.edu.br

ygor.pereira@ifto.edu.br

redcorvel@hotmail.com

Palavras-chave: velhice; identidade; sociologia; literatura

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população é um fenômeno mundial. Essa situação é fruto da combinação do decréscimo das taxas de natalidade com a diminuição das taxas de mortalidades, tanto nos países desenvolvidos quanto nos em desenvolvimento, aliada a melhorias nas condições de vida e avanços da medicina, entre outros fatores.

No Brasil, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), colhidos no último censo realizado apontam que o número de idosos, categoria definida pelo órgão federal como aqueles com sessenta anos ou mais, já correspondem a onze por cento da população total. Nos dados levantados em mil novecentos e noventa e um, eles somavam sete vírgula nove por cento do total (BRASIL, 2010).

Como a estatística evidencia, a pirâmide etária relativa para o Brasil passa por uma significativa transformação, o que levanta questões de grande importância: o debate sobre políticas sociais mais efetivas voltadas para os idosos; a necessidade de uma especialização maior da saúde pública para as demandas próprias dessa faixa de idade; além, obviamente, do fator Previdência, sempre em pauta na discussão política.

A chegada dos anos 2000 e as estatísticas do envelhecimento populacional consolidadas obrigaram uma reflexão maior sobre a situação. Estudos como o de Alda Britto da Motta (2007), discutindo novas vivências na velhice e, entre elas a reinserção

(ou permanência prolongada) no mercado de trabalho são recentes e um exemplo de como o assunto carrega um frescor.

Abordagens como essa se encaixam num contexto maior que é a ressignificação da velhice, ou melhor diria velhices, dadas as oportunidades de vida hoje expostas aos idosos. O uso plural, inclusive, abrange também as condições em que tradicionalmente se identificou a vivência dessa fase da vida, como por exemplo limitações físicas, problemas crônicos de saúde e descaso familiar. Afinal, as possibilidades não aparecem simultaneamente para todos.

Mas em que quadro histórico-social se encaixa esse fenômeno, de qualquer forma? Ana Lucia Cardozo faz um delineamento bastante satisfatório nesse sentido. Como ela nos situa, atravessamos um período de profundas transformações sociais e econômicas que incidem diretamente sobre os indivíduos, as relações pessoais e a cultura. Esse período é confuso por nem sempre ser possível uma distinção entre o velho e o novo na realidade social, já que as mudanças não ocorrem em todos os níveis ao mesmo tempo (2004, p. 21).

Com essa dinâmica em vista, a terceira idade surgiria enquanto discurso e vivência, tornando-se sinônimo de envelhecimento ativo e independente; uma verdadeira nova etapa da vida, cheia de dinamismo. Para Cardozo, velhice não se confunde com terceira idade. A invenção da terceira idade é, assim, uma experiência inusitada de envelhecimento e não pode ser reduzida aos indicadores de prolongamento de vida nas sociedades contemporâneas. Como a autora indica, uma nova identidade se torna real na medida em que um grupo social se municia de recursos a fim de concretizar as expectativas de realização e satisfação pessoal na velhice.

Nesse novo envelhecer, as pessoas buscam a auto-expressão e a exploração de uma identidade renovada. Cardozo reitera que a própria velhice foi desconstruída e suas manifestações nos planos físico e cognitivo, resultando no estranhamento no que antigamente era visto como características dessa fase da vida, e agora passam a ser analisadas como anormalidades, distintas do processo do envelhecimento em si mesmo, o qual deve transcorrer com o mínimo de declínio.

O estereótipo do idoso decrepito, doente e senil, relata Cardozo, cedeu lugar como único estereótipo possível, o que era impensável há algumas décadas; lidamos agora também com representações de um idoso ativo, aquele que, ou continua a trabalhar e a ser produtivo mesmo após a aposentadoria, ou viaja e se diverte normalmente, desfrutando a vida (2004, p. 30). Esse conceito de velhice bem-sucedida é concebido a partir de contextos culturais específicos e dos novos limites do homem para intervenção no corpo humano proporcionados pelos avanços da medicina, derrubando muitas vezes divisões tradicionais e estanques entre as faixas etárias. Essa velhice em transformação, portanto, não se respalda apenas pelo aspecto demográfico, mas sim pelos novos papéis

desempenhados. Poderíamos então identificar esses novos discursos e práticas como uma nova identidade para a velhice?

José Luiz Medeiros aponta que a definição de identidade mais aceita atualmente a concebe como “uma construção elaborada no interior de contextos sociais que orientariam representações e escolhas e determinariam posições dos indivíduos” (2004, p. 107). Esta concepção, ele aponta, dá à identidade um caráter relativo, dinâmico e que evolui no interior das trocas sociais, num processo de reelaboração permanente, resultante da negociação entre nós e os outros.

“Simone de Beauvoir acreditava que a maior parte das vezes os indivíduos de mais idade só se sentem velhos por meio do olhar dos outros”, recorda Miriam Goldenberg (2014, p. 27). Assim, as transformações pelas quais o indivíduo passa ao longo da vida são avaliadas sempre nessa relação com o outro, numa relação dialógica. A identidade, para Medeiros, é o resultado de uma construção progressiva e multidimensional, permeada por rupturas, crises e continuidades, de forma a permitir ao sujeito se situar nas relações sociais. Esse processo se mantém por toda sua vida, estabelecendo “analogias, inclusões, exclusões e alteridades” (2004, p. 116). É nessa narrativa que a velhice procura se encaixar em novos parâmetros.

Isso é possível porque ela se transforma em etapa diferenciada da vida a ser tratada com maior dignidade por volta da segunda metade do século XX. A geriatria e a gerontologia foram os saberes médicos emergentes nesse período que se debruçaram, respectivamente, sobre o corpo velho e sobre os aspectos sociais da velhice, determinando em grande parte o seu novo status como categoria social. Dessa forma, a velhice estabelecida nos contornos que relatei há pouco, marcada pelos signos da degeneração física e da invalidez, um ‘fardo’ a ser carregado pela sociedade, foi um cenário que passou por mudanças significativas nas décadas de 1960 e 1970, quando ela passa a ser reconhecida enquanto uma questão coletiva e adquire visibilidade social.

É nesse contexto que, em 1970, a obra *A Velhice*, de Simone de Beauvoir, dá um sopro de realidade aos símbolos tradicionais da velhice ao desvelar num franco discurso meditativo sobre essa fase da vida. Havia em suas linhas a intenção de resgatar a dimensão existencial que o sujeito atravessa quando alcança certa idade, lidando com o tempo e seus reflexos de uma maneira forte e difícil de ignorar: quando, entre outras coisas, o corpo não acompanha a mente.

Essa imagem forte foi sem dúvida um ponto de relevo nas discussões sobre a velhice que atravessaram a segunda metade século XX. Nesse processo histórico-social, o surgimento da categoria ‘terceira idade’ é, sem dúvida, um ponto de transformação substancial na identidade da velhice. Antes entendida como decadência física e invalidez, momento de descanso e quietude no qual imperavam a solidão e o isolamento afetivo, ela passa a incluir também o momento do lazer, propício à realização pessoal

que ficou incompleta na juventude, à criação de novos hábitos, hobbies e habilidades e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família. A velhice enfim se renova.

Segundo Luna Rodrigues (2009), para entendermos a terceira idade como uma categoria social construída, cuja inserção no espaço público dá ensejo a novas percepções identitárias, parece necessário identificar os fatores que influenciaram ou favoreceram sua origem e sua legitimidade no imaginário cultural. Para a autora, isso englobaria a generalização e a reorganização dos sistemas de aposentadoria, a substituição dos termos de tratamento da velhice, o discurso da gerontologia social e os interesses da cultura do consumo.

O que percebemos com essas iniciativas é a construção de uma velhice que traduza as novas condições de vida. Uma construção que parte de um novo entendimento de antigos paradigmas, buscando uma abordagem que traduza os anseios por novas experiências que os velhos antigamente não se permitiam.

Anne Karpof aborda esse assunto em livro lançado em 2015 e o descreve como algo confuso. Afinal, a velhice não “surge” do nada quando se chega aos sessenta anos. Ela vem sendo elaborada em vários níveis, a começar pelo subjetivo, desde a infância, quando elaboramos uma imagem dos velhos a partir da convivência com os avós, por exemplo, e tomamos essa imagem como referência ao longo da vida, agregando novos simbolismos sobre essa fase da vida. E eis que cada um se depara a certa altura com a velhice, e “descobre” que não precisa se limitar aos padrões que tinha estabelecido. Envelhecer é um processo de toda uma vida.

Essas vertentes sobre a vivência do envelhecer podem indicar uma duplicidade fundamental na caracterização da terceira idade: a mesma parece se situar de modo ambíguo entre a expansão e a repetição dos padrões identitários vigentes. Poderíamos assim entender que o discurso da terceira idade se impõe, de certo modo, aos padrões convencionais de velhice como um apelo das identidades contemporâneas ao enfatizar a subjetividade que vêm se tornando hegemônica na atualidade, num impulso muitas vezes atrelado aos interesses da cultura do consumo, por exemplo.

Ainda que traga consigo a marca da hegemonia subjetiva do individualismo que caracteriza nosso momento histórico, a identidade da terceira idade vem exercendo um papel fundamental para a filiação identitária e, conseqüentemente, para a descrição das histórias de vida dos sujeitos em processo de envelhecimento. Nesse sentido, Luna Rodrigues aponta, o surgimento no imaginário cultural dessa identidade inédita e a sua valorização como referência para a filiação identitária sugere a criação de uma nova etapa da vida, de novas formas de vivência do envelhecimento e, conseqüentemente, do aumento das possibilidades de criação e diversificação para os sujeitos (2009, p. 133).

O que se percebe de maneira efetiva é que as novas definições e vivências do envelhecer se consolidam no imaginário cultural, se estabelecendo como recurso efetivo para a formação das identidades pessoais, de modo a tornar-se referência tanto no discurso quanto nas relações sociais. Ainda que não anule as dificuldades e dilemas tradicionalmente ligados à velhice e já apontados aqui, é inegável que os parâmetros para discutí-la e representá-la são hoje mais amplos. Os velhos, enfim, não precisam mais ser os mesmos.

OBJETIVOS

Dada a exposição panorâmica dos discursos e teorias alavancados em torno da(s) velhice(s) e sua(s) vivência(s) na contemporaneidade, procuramos agora acessar o tema através da literatura e analisar se essas novas identidades agregadas à velhice se encontram na produção sob análise.

Reconhece-se primeiramente a literatura como recurso legítimo de análise social, dentro de especificações a serem dadas a seguir. Ademais, o presente texto busca estimular o acesso aos mais diferentes objetos de pesquisa social por meios variados, como a análise de obra literária que ora propomos, além dos convencionais, como questionário, entrevista, grupo focal, entre outros.

DISCUSSÃO

Roger Chartier (2001) afirma que um texto sem leitor é um não texto, ou seja, só ganha sentido a partir do sentido que é interpretado. E quem o faz pode até seguir uma apropriação no sentido de dar vida ao texto segundo o sentido particular que procura. Por isso, um livro existe em função do leitor. E quando se estabelece essa relação, o livro e o seu conteúdo deixam de ser abstratos, perdendo a noção de uma obra em si para se ligar às referências, conteúdo, interpretações, contexto e profundidades indicadas.

Toda representação literária, Chartier pondera, carrega duas dimensões: por um lado a representação representa algo, é a dimensão que ele chama ‘transitiva’ e que governa ao menos a teoria clássica da representação, na qual há algo representado por meio de uma representação; por outro, “há a dimensão reflexiva, que faz com que a representação se dê representando algo de maneira que não se confunda a representação com o objeto” (2001, p. 89).

A literatura, portanto, é muito válida como fonte de estudos, como objeto de investigação. Mas para tanto, não podemos impô-la um reducionismo documental; mas sim lê-la dentro de sua própria natureza e enxergando as variáveis que lhe são próprias, como os limites entre ficção e verdade e a distinção do tom adotado, seja metafórico, irônico, alegórico, etc. Outro ponto que Chartier ressalta é que “devemos situar a literatura em seu próprio espaço de produção e de recepção” (2001, p. 93).

Por isso a atenção em escolher obras contemporâneas para análise. Considerando o uso de objetos para análise como reflexo de sua atualidade, há assim a eliminação das mediações que se deslocam no tempo. Em outras palavras, a recepção da obra muda ao longo do tempo e, sendo necessário analisá-la, o ideal é que se levante a historicidade do texto e suas múltiplas leituras. Obras contemporâneas eliminam a necessidade desse processo de análise.

Como essas delimitações em vista, acessamos a velhice através da obra literária do escritor americano Philip Roth. Tendo anunciado sua aposentadoria em 2014, Roth debruçou-se na última parte de sua obra ficcional sobre a velhice. Podemos destacar *Animal Agonizante*, publicado em 2001; *A Humilhação*, lançado em 2009; ou *Fantasma Sai de Cena*, editado pouco antes, em 2007, e sobre o qual vamos nos aprofundar.

Percebe-se assim a preocupação de adotar um escritor contemporâneo para analisarmos, conforme aponta Chartier, usando uma de suas obras mais recentes para acessar o tema da velhice.

No romance, acompanhamos Nathan Zuckerman, um escritor de 71 anos que mora praticamente isolado nas montanhas da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, numa rotina bastante rígida. Logo no início, nos deparamos com seu relato sobre os vários problemas de saúde, em especial o da incontinência urinária, uma seqüela da cirurgia para extração do câncer de próstata que muito lhe incomoda.

É exatamente em busca de um tratamento para sua incontinência que Zuckerman ‘abandona’ sua vida isolada e parte para Nova York, onde se submete a um tratamento. Entrementes, duas ocorrências se dão em paralelo e que iriam o marcar profundamente durante sua estada na cidade: A primeira é o reencontro com uma velha paixão de adolescência, agora comedida por um tumor cerebral e afundada em lembranças de seu ex-marido, das quais não consegue desapegar. A segunda ocorrência é a aproximação de Zuckerman de um jovem casal de escritores, Jamie e Billy, ambos na casa dos 30 anos, a pretexto de uma troca temporária de residências.

Enquanto Amy Bellette, a lembrança da juventude que ressurgue desfigurada pela doença, era a própria definição da velhice que Noberto Bobbio cunhou ao dizer que “o mundo dos velhos, de todos os velhos, é de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória” (1997, p. 30); Jamie, a jovem escritora quatro décadas mais jovem de quem se aproxima quase instantaneamente, desperta em Zuckerman sentimento confusos que ele julgava há muito perdidos. Sua súbita paixão por ela simboliza o resgate de uma virilidade praticamente metafórica, pois as limitações físicas impedem qualquer satisfação física, mesmo que imaginada.

É pela aproximação com ambas que o velho escritor protela sua partida, uma vez que o tratamento contra a incontinência urinária se revela ineficaz. Entretanto, o peso que

cada uma dessas mulheres impõe à sua vida naquele instante, seja pelas lembranças, seja pela frustração dos impedimentos carnavais, o leva a um grau de esgotamento que Zuckerman praticamente foge de volta para seu refúgio nas montanhas, se consolando com a retomada de sua rotina, solitária mas resguardadas de certas surpresas.

CONCLUSÃO

Podemos apreender conforme vimos que, mesmo com o discurso sobre as novas velhices em cena, as imagens tradicionalmente relacionadas a essa fase da vida permanecem, e seguem sendo replicadas, trabalhadas e aprofundadas como uma verdade. É sempre bom lembrar que as novas possibilidades ligadas ao envelhecimento não apagam as vivências recorrentes ao imaginário social, como podemos acessar no romance.

Concluimos que as novas condições da velhice, embora já retratadas em outras mídias como o cinema, ainda não se tornou uma imagem e um discurso comum na literatura.

REFERÊNCIAS

- .BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1990.
- .BOBBIO, Noberto. *O tempo da memória: de senectute e outros escritos autobiográficos*. Ed. Campus, Rio de Janeiro, 6º ed., 1997.
- .CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Artmed Ed., Porto Alegre, 2001.
- .FREITAS, Leila Karla Moraes Rodrigues. *A (re) invenção da velhice: o discurso da mídia sobre o “novo” idoso*. In: Revista Litteris, nº 6, novembro de 2010.
- .GOLDENBERG, Miriam. *A bela velhice*. Ed. Record, 5º ed, São Paulo, 2014.
- .MEDEIROS, José Luiz. *A identidade em questão: notas acerca de uma abordagem complexa*. In: Mosaico de identidades. DUARTE, Maria Beatriz Balena (org.). Ed. Juruá, Curitiba, Paraná, 2004.
- .MOTTA, Alda Britto da. *Família e gerações: atuação dos idosos hoje*. In: Família, gênero e gerações: desafios para as políticas sociais. Ed. Paulinas, São Paulo, 2007.
- .ROSA, Ana Lucia Cardozo de Santa. *O envelhecimento na pós-modernidade*. In: A arte de envelhecer: saúde, trabalho, afetividade, Estatuto do Idoso. Maria Teresa Toríbio Lemos, Rosângela Alcantra Zagaglia (org.). Ed. Idéias & Letras, Aparecida, São Paulo, 2004.

.ROTH, Philip. *Fantasma sai de cena*. Companhia das Letras, São Paulo, 2008

.SILVA, Luna Rodrigues Freitas. *Autonomia, imperativo à atividade e “máscara da idade”*: prerrogativas do envelhecimento contemporâneo? In: *Psicologia & Sociedade*; 21 (1): 128-134, 2009.

._____. *Da velhice à terceira idade*: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan.-mar. 2008.

.KARPF, Anne. *Como envelhecer*. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2015.